

“ENRAIZAMENTO DE ESPERANÇA”: AS BASES TEÓRICAS DO MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE EM GOIÁS

Maria Emilia de Castro Rodrigues
Faculdade de Educação/UFG
Comunicação
Educação, trabalho e movimentos sociais.

A pesquisa “Enraizamento de Esperança”: As bases teóricas do Movimento de Educação de Base em Goiás (MEB-GO), um estudo de caso, foi construído com revisão da literatura; análise de documentos (livros, jornais, textos, teses e dissertações, literatura, poesias, músicas, cartas), entrevistas etc., buscando captar os referenciais teóricos e político-filosóficos que influenciaram e sustentaram a prática político-pedagógica do MEB-GO. Prática que resultou de uma construção possível, no período de 1961 a 1966, quando o MEB-GO atuou na educação de adultos via rádio, graças à confluência de vários fatores, entre eles: o momento histórico; as histórias de vida, compromisso e militância dos membros da Equipe Central e monitores em prol da educação popular de adultos do meio rural; o referencial teórico advindo do MEB-Nacional, de autores nacionais e internacionais da Igreja, dos movimentos sociais e de educação popular; a opção, a partir de 1962, por uma educação crítica e transformadora.

Palavras-chave: movimento de educação de base em Goiás; educação de adultos; Educação Popular; alfabetização de jovens e adultos no meio rural

Introdução

O presente texto é resultado da pesquisa de doutorado em educação, realizada nos anos 2004 a 2008. Nela se buscou compreender os fundamentos teórico-filosóficos advindos de autores, movimentos sociais e de educação popular e/ou experiências nacionais e internacionais, que influenciaram e subsidiaram a Equipe Central (coordenadora e supervisores) e monitores/líderes do Movimento de Educação de Base em Goiás, na construção da prática político-pedagógica desenvolvida com os trabalhadores rurais, no período de 1961 a 1966.

O estudo de caso foi construído com base na: revisão da literatura do tema; análise de fontes orais e escritas que recuperam histórias de vida e atuação dos participantes dos movimentos de educação popular. Utilizamos como técnicas de pesquisa: entrevistas com membros da Equipe Central e educadores populares do MEB-GO, da Coordenação Nacional do MEB, da Ação Popular (AP) e do Centro Popular de Cultura de Goiás (CPC-GO); narrativas orais e escritas colhidas com depoimentos de história de vida, acontecimentos marcantes, influências recebidas, referenciais teóricos, prática político-pedagógica; com vistas a apreender a sua cotidianidade. Como aporte teórico metodológico, servimo-nos do campo da história oral - Pollak (1989), Halbwachs (2004) etc. Confrontamos as informações obtidas com outras fontes e documentos com uso de procedimentos analíticos que permitissem dialogar com os documentos, descortinando relações, representações e marcas sobre o passado vivido.

A história dos movimentos populares de educação de adultos (EDA), na década de 1960, em Goiás é rica, mas seus dados estão dispersos, por fazer parte de memórias marginais: quer seja pelas circunstâncias históricas da ditadura militar que provocaram a ausência, ocultação e/ou apagamento de registros, restringindo-se a pessoas o conhecimento de fatos importantes, gerando um vácuo no passado cultural;

quer seja pela marginalidade que a educação de jovens e adultos (EJA) ocupa no processo educacional, especialmente aquela voltada para o meio rural.

Na década de 1960, diante do chamamento do Estado, frente à mobilização nacional contra o analfabetismo, a população respondeu atuando nos movimentos de Educação Popular, entre eles o MEB-GO, contando inclusive com a contribuição de estudantes e profissionais de reconhecida formação e competência. Contudo, segundo Aída Bezerra:

[...] a ação dessas entidades no campo da educação e da cultura popular tinha [...] certo sabor experimental. [...] as solicitações para uma educação popular [...] tinham cores políticas e ideológicas muito nítidas, além de um caráter de urgência (pois pairava uma ameaça no ar). Daí porque as atividades que eram desenvolvidas pareciam ter ritmo de campanhas [...] ninguém contava com uma experiência acumulada que oferecesse relativa segurança para [...] uma estratégia de atuação adequada às novas solicitações. Todos lidavam com pressupostos teóricos, e era a partir do nível das idéias que os programas eram lançados (1980, p. 24).

Pressupostos teóricos estes que no MEB-GO, tiveram forte influência de outros movimentos (União Nacional dos Estudantes -UNE, Movimento de Cultura Popular -MCP, Juventude Universitária Católica -JUC e AP), de experiências (de Natal, Aracaju, e outros Estados que atuavam com o MEB) e de autores e documentos nacionais e internacionais, como: Maritain, Mounier, Lebret, Chardin, Pe. Vaz, Landim, Freire, as Encíclicas Sociais Mater e Magistra, Pacem in Terris e Rerum Novarum - que contribuíram entre outros aspectos, com a perspectiva de socialização, o direcionar do olhar para a realidade do 3º mundo e a necessidade de a Igreja dialogar com o mundo moderno – etc.

Movimento de Educação de Base em Goiás

O MEB foi instituído e organizado em 1961, sob a responsabilidade do Episcopado Brasileiro, através de sua entidade representativa, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), e prestigiado por Jânio Quadros com o convênio assinado entre a Igreja Católica e o Governo Federal que possibilitou a liberação de recursos para “[...] ministrar educação de base às populações das áreas subdesenvolvidas do Norte, Nordeste e Centro-Oeste do país, através de programas radiofônicos especiais com recepção organizada” (MEB, 1961a, p. 01), cujo objetivo da educação de base era: “[...] servir de auxílio aos homens para que estes compreendam os seus problemas vitais, obtenham conhecimentos para que possam resolver tais problemas por seus próprios meios” (MEB, [1962a], p. 02). O MEB atuou em Goiás junto a analfabetos, especialmente os trabalhadores rurais do meio rural.

No Movimento participavam representantes do clero e leigos advindos da militância da Igreja Católica, por meio de aulas radiofônicas transmitidas pela Rádio Difusora de Goiânia. O rádio exercia um fascínio e teve um papel social relevante, sendo um instrumento educativo recriado pela equipe do MEB-GO com peças de teatro, músicas, crônicas, mensagens, recados, convites, animação popular por meio de cantorias das Folias de Santos Reis etc.

Inicialmente os objetivos do MEB, e nele o MEB-GO, estavam pautados na concepção de educação de base veiculada pela Unesco, na concepção de humanismo integral, abordada por Maritain (1962) – que buscava superar a visão materialista da formação do homem em todas as dimensões: cultural, social, política, religiosa, moral, visando à constituição de uma civilização mais humana, com responsabilidade e

consciência da realidade social – e ainda próximos da Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA).

As atividades das Escolas Radiofônicas (EERR) em Goiás, através do Sistema Educativo Tele-Radiofônico de Goiás (Setergo), deu-se por iniciativa de D. Fernando Gomes dos Santos, Arcebispo de Goiânia, que participara dos encontros dos bispos no Nordeste, e conheceu as experiências ali desenvolvidas impressionando-se com elas. Ao retornar à Goiânia, após o II Encontro dos Bispos do Nordeste, ele enviou duas pessoas aprenderem o trabalho realizado em Aracaju, em 1960, no decorrer do I Seminário de Educação de Base, quando fizeram uma visita à Escola Radiofônica (ER).

Ao retornarem, organizaram o I Treinamento de Supervisores para implantação do Setergo, sob forte orientação psicológica, abordando: planejamento com métodos ativos; como alfabetizar; diferença de ensino autoritário, aliciar, manusear e conduzir com ênfase no não diretivismo, bem como técnicas de equipes de estudo, assembléias, reuniões de estudo e trabalho e as adaptações do método ver, julgar e agir e suas operações mentais advindas da Ação Católica Brasileira; informações detalhadas sobre as EERR e seus programas, casando o Programa do Departamento Nacional de Endemias Rurais (DENERu)/Serviço Social Rural e a alfabetização.

A aula inaugural do Setergo foi realizada em 14 de março de 1961, antes da assinatura do convênio da CNBB com o Governo Federal. Até 1962, a ênfase era no ensinar a ler e escrever/escolarização com aulas de português, matemática, educação sanitária, alfabetização, economia doméstica, organização comunitária, orientação agrícola, educação cívica e religiosa, numa perspectiva culturalista de integração social, dentro do ideário de educação de base da Unesco, centrada na tradição da alfabetização. Nesse período a Equipe Central do MEB-GO realizava estudos e leituras de Maritain (1962), Mounier (1964), Leuret (1959, 1963, 1966) e Congar (1966), advindas direta ou indiretamente da JUC, por meio de Sebastiana Bittencourt e de Aparecida Siqueira, que apontavam o olhar para os problemas vivenciados na realidade dos trabalhadores rurais (método ver-julgar-agir), para entrelaçar o temporal ao sobrenatural, mas inicialmente a Equipe não conseguiu proporcionar a concretização desta perspectiva e, apesar de diagnosticarem a realidade de extrema pobreza e exploração dos trabalhadores rurais, o trabalho empreendido nas aulas e o material didático (Radiocartilha e o 1º livro de leitura “Brasília”) utilizado era tradicional e desvinculado da realidade goiana e do adulto.

Com as orientações e subsídios da Coordenação do MEB, a Equipe Central passou a realizar estudos contínuos: treinamentos, encontros, dias de estudos, trocas com outros sistemas estaduais, cartas com orientações, textos, boletins informativos etc. Da observação da realidade vivida pelos trabalhadores rurais e confronto com as leituras realizadas adveio a descoberta de que aprendiam com o povo. E o Encontro Nacional de Coordenadores, de 1962, foi considerado o divisor de águas, ao explicitar as questões e angústias vivenciadas no MEB, e possibilitar tomar definições comuns diante das idéias que estavam sendo fermentadas e da realidade do trabalhador rural. Nele foram discutidos os temas realidade brasileira, cultura/cultura popular, ideologia, conscientização e politização; e realizada a revisão crítica dos objetivos, métodos e técnicas do MEB frente à realidade social – como estava e como deveria ser, pautados em Chardin (1978), Pe. Vaz (1962, 1963) e Landim Filho (1963). Deu-se então a opção pela conscientização, sendo redefinidos o conceito de educação de base, os objetivos do MEB e delineado um plano de ação. Os novos objetivos foram:

1º- Alfabetização e iniciação em conhecimentos que se traduzam no comportamento prático de cada homem e da comunidade, no que se refere: à saúde e à alimentação (higiene); ao modo de viver (habitação, família,

comunidade); às relações com os semelhantes (associativismo); ao trabalho (informação profissional); ao crescimento espiritual.

2º - Conscientização do povo, levando-o a: descobrir o valor próprio de cada homem; despertar para os seus próprios problemas e provocar uma mudança de situação; buscar soluções, caminhando por seus próprios pés; assumir responsabilidades no soerguimento de suas comunidades.

3º - Animação dos grupos de representação, promoção e pressão.

4º - Valorização da cultura popular, pesquisando, aproveitando e divulgando as riquezas culturais próprias do povo (MEB, 1962c, p. 01).

Assim, a partir de 1963 o MEB-GO transformou-se em instrumento de contestação, permeado pela participação popular, cujo ensino vinculava-se aos problemas locais vividos por alunos e educadores populares, à realidade de país subdesenvolvido, a necessidade de promoção das massas populares e a luta pelas reformas de base. Essa nova postura interferiu sobremaneira no trabalho político e didático-pedagógico, expressa no segundo treinamento de Equipe Central em Goiás, no curso de treinamento de monitores, no Congresso de Monitores e na prática do Movimento. O treinamento para ampliação da Equipe Central do MEB-GO e o curso para os monitores:

[...] foi um treinamento de sacudir as estruturas, porque foi aquele banho de realidade brasileira, [...] que abriu a cabeça da gente [...] de que isso era uma coisa que tinha de ser feito pelo povo, que tinha de partir deles [...]. E aí que a gente sacou que [...]: eles saberiam dizer quais eram as necessidades deles e não a gente dizer quais eram as necessidades deles e tentar levar soluções; eles é que tinham que descobrir suas próprias necessidades, descobrir como fazer pra suprir essas necessidades, e aí poderiam ir até às últimas conseqüências, porque iam descobrir quais as causas que os estavam levando a serem assim tão pobres, tão necessitados, tão injustiçados (Maria Alice, entrevista, 12/06/2006).

Nos cursos houve o trabalho sobre o estudo de área, para orientar o conhecimento das comunidades, com vistas a um trabalho pedagógico que propiciasse a conscientização pelo povo, da realidade social em que se inseriam, analisando-a criticamente, para propor soluções aos problemas existentes. Também foram abordados: critérios e procedimentos para a localização da ER e seleção do monitor; treinamento de monitores; instalação das EERR; produção e emissão de aulas e programas radiofônicos, supervisão e trabalhos complementares às EERR (politização, sindicalismo, caravanas/animação popular, clubes e núcleos comunitários, etc.); e planejamento das atividades da Equipe Central e dos monitores.

Além do Encontro de Coordenadores, vários aspectos possibilitaram à Equipe do MEB-GO mudar sua postura, entre eles: a entrada de novos integrantes na Equipe Central; a articulação com outros movimentos sociais, de educação e cultura popular (como a JUC, CPC, Instituto de Cultura Popular de Goiás -ICP-GO, UNE, Sindicalismo Rural, AP); o referencial pautado em Chardin (1978), Pe. Vaz (1962, 1963), Raul Landim Filho (1963) e Paulo Freire ([1962], 1963) etc.; que levaram à perspectiva de consciência histórica, passando posteriormente à consciência crítica com politização, com foco no processo político-pedagógico como instrumento de luta pela transformação social.

Contudo, o acesso a estes referenciais não era comum entre os integrantes do MEB/Goiás e, desde sua origem, o Movimento continha na própria constituição interna/externa o conflito entre aqueles que o viam com um caráter educativo-evangelizador e aqueles que se posicionavam vendo-o como espaço educativo para a

transformação das estruturas da sociedade brasileira. Vivendo este conflito, o MEB-GO direcionou o seu fazer-pensar para a segunda perspectiva, com profundo respeito à pessoa humana, o que lhe possibilitou experiências de estar, ouvir e dialogar com o povo, sendo sensível aos seus interesses e necessidades, de forma a contribuir com a possibilidade de transformação da realidade.

A Equipe Central do MEB-GO, a partir de 1963 era composta pela coordenadora e 16 professoras supervisoras, além da equipe de apoio. Articulava-se ao MEB a equipe de Sindicalismo Rural, do ICP/GO, CPC e AP que auxiliava nas atividades culturais, encontros, debates, locuções etc. A maioria dos membros da Equipe Central do MEB-GO era da JUC, ou dela havia participado. E esse envolvimento proporcionou uma postura progressista para o MEB-GO, cujos membros acreditavam numa possibilidade de mudança do Brasil, de condições de vida melhor para todos, e que poderiam contribuir para tal.

Os monitores das escolas radiofônicas do MEB-GO até 1962 eram indicados pelos padres e posteriormente passaram a ser escolhidos pela própria comunidade. Eles coordenavam as atividades nos núcleos de recepção, exerciam liderança na comunidade, realizavam o trabalho voluntariamente e, em sua maioria, tinha pouca escolarização. A partir de 1963, os monitores com mais experiência atuaram no planejamento interno das atividades do MEB-GO, proporcionando a troca de experiências e a mobilização das comunidades e, com uma linguagem mais próxima, favoreciam que as dúvidas, interesses, necessidades quanto ao processo ensino-aprendizagem se explicitassem e pudessem ser trabalhados.

A Campanha de Alfabetização foi realizada em parceria com a JUC, CPC e ICP-GO, que participaram da produção e montagem de peças de teatro, resgate das raízes culturais, seleção e composição de músicas para abertura e fundo musical dos programas e uma pesquisa sobre o número de analfabetos acima de quatorze anos em cada residência. Para a Campanha foram produzidas as músicas *Vamos estudar* e também o “[...] tema de abertura das aulas [que] era composição da Betinha, com interpretação dos monitores da Fazenda Serrinha: Oscavú, Parcival e José Moreira” (Alda, entrevista, 20/09/2006), as quais passaram a serem utilizadas nos programas.

As leituras sobre Animação Popular (AnPo), as trocas de experiências em âmbito internacional (África), nacional e local e o contato direto com o povo, levaram a um trabalho com a realidade social numa perspectiva crítica. Nele, o envolvimento dos monitores, alunos e da Equipe Central do MEB-GO nos cursos, comitês, campanhas, aulas radiofônicas, supervisão-encontro, programas radiofônicos especiais de conscientização como o *Programa de Sábado*, que se desdobrou em *Encontro com o Monitor* e em *Encontro com a Comunidade*, posteriormente denominado *A Comunidade se Reúne*, e mais tarde no Programa *Nosso Mutirão* possibilitou a reestruturação da metodologia de trabalho até então utilizada no Movimento, resultou em maior contato e desenvolvimento de atividades com toda a comunidade, e “[...] uma melhor frequência dos alunos, mais animação dos monitores e interesse da comunidade em torno da escola” (MEB-GO, jul./1963, p. 08). Por meio dos *Encontros* com a duração de um dia na sede do município das EERR, a Equipe ampliou o foco para além da escola, com toda a comunidade, fazendo a revisão coletiva do trabalho e a coleta de sugestões de planejamento conjunto, oportunizando o processo de conscientização e mobilização da comunidade frente aos seus próprios problemas.

A partir de meados de 1963, a Equipe reestruturou os Encontros em o *Encontro chama-atenção* – para dar início a novos trabalhos, reavivar e/ou retomar os trabalhos com a ER, especialmente após o Golpe de 1964, com vistas a estreitar conhecimentos das comunidades; levantar a possibilidade e tipo de trabalho inicial, os

recursos da escola, para animação e possíveis experiências comunitárias, a localização de possíveis animadores locais; e finalmente a radicação de escola – e o *encontro de fortalecimento do trabalho* realizado. Com a AnPo, a própria metodologia adotada pelo MEB-GO (os encontros, aulas e programas complementares e o trabalho realizado pelos monitores junto aos trabalhadores rurais) favorecia a análise e reflexão permanente de monitores/líderes, alunos e demais pessoas da comunidade sobre a realidade social em que estavam inseridos, proporcionando a conscientização do papel individual e coletivo dos cidadãos na transformação social.

Em dezembro de 1963 o MEB-GO realizou o Congresso Estadual de Monitores, tomando para si a responsabilidade de se contrapor ao processo de massificação dos camponeses, definindo sua posição política e assumindo a responsabilidade histórica da condução das lutas e pela hegemonia, juntamente com os trabalhadores, rumo à revolução, por meio da organização consciente do povo, pois compreendia o processo educativo ser em si um ato político, assim como o processo político também ser um ato educativo, e que sua ação não podia separar as duas coisas, aproximando-se cada vez mais do Setor de Sindicalismo. Dele participaram monitores/líderes, representantes de alunos trabalhadores rurais do Movimento, membros dos diversos sindicatos rurais e autoridades, e houve apresentação de teses, comissões, discussão de assuntos ligados à realidade brasileira: problema agrário, analfabetismo, conscientização, valores do homem, direitos, cultura, educação de base, instrumentos de ação etc.

No período pós 1964, com a repressão política, crise e acirramento de posições, as dificuldades que a Equipe Central em Goiás passava, inclusive com a de diminuição dos quadros e a difícil situação financeira do MEB, se refletiram na possibilidade de supervisão, contato e acompanhamento aos trabalhos nas comunidades; falta de material e condições para que encontros na comunidade, de formação dos educadores e reuniões ocorressem. Mas, a necessidade de continuar o trabalho levou a Equipe Central a recriar o processo de alfabetização e construir um material didático próprio, adequado à especificidade local, interesses e necessidades dos sujeitos da EDA, que favorecesse o trabalho didático-pedagógico dos monitores, e fosse coerente com os princípios do MEB-GO, o *Conjunto Didático Benedito e Jovelina*. Utilizou-se para tal do referencial teórico freireano, advindo tanto das experiências de membros da equipe que fizeram por 15 dias um curso com Paulo Freire e sua equipe, quanto de leituras, inclusive algumas delas proporcionadas pelo MEB, a JUC e AP.

Na construção do material didático a Equipe recriou a proposta de Paulo Freire, desenvolveu a pesquisa em várias comunidades – se preocupou em colher, anotar, registrar e gravar palavras, frases, formas de expressão, que contêm em si o mundo na visão dos pesquisados, seu pensamento-linguagem, dos quais seriam extraídos os temas geradores –, e selecionou entre as palavras e frases obtidas, aquelas que, respeitando os critérios apresentados pelo Sistema Paulo Freire, fossem as mais comuns nas várias comunidades pesquisadas, que, na medida em que fossem analisadas, recriariam o mundo vivido pelos educandos e educadores, sobre a qual se debruçariam para ler a palavra e a realidade social onde esta se inseria, a vida, analisando-a criticamente. Assim foram escolhidas as palavras: Benedito, Jovelina, mata, fogo, sapato, casa, enxada, roçado, bicicleta, trabalho, bezerro, máquina, safra, armazém, assinatura, produção, farinha e estrada, as quais eram grávidas de sentido e significado, relacionados às questões da vida, do trabalho, do cotidiano existencial dos trabalhadores rurais daquele contexto. A ordem das palavras no material didático seguia de perto a seqüência de um ciclo produtivo do trabalho agrícola em Goiás, retratando a história de vida de uma família camponesa, de forma que os alunos pudessem fazer a correlação

entre o seu trabalho e as etapas do processo de alfabetização. O material didático do MEB-GO incluía: os *cartazes* (da gravura, da ficha de reconhecimento, das famílias e de descoberta) a serem trabalhadas pelo monitor com os alunos, *as folhas-fichas resumo* a serem utilizados pelos educandos e o *Roteiro para o monitor*. Este material traduzia as inovações da época, a experiência no MEB e os novos estudos e experiências dos movimentos de Educação Popular.

Em 1966, a Equipe Central de Goiás enviou uma carta ao MEB Nacional informando da impossibilidade de continuarem desenvolvendo os trabalhos em função da repressão (prisões de membros da Equipe Central e monitores, com posterior exílio), da falta de recursos e de apoio de setores da Igreja.

Considerações finais

Ao reelaborar sua prática pedagógica, o MEB-GO fez uso do método ver-julgar-agir, demonstrando que, como profissionais, precisavam buscar cotidianamente, através da reflexão na e sobre a prática, a (re)construção do seu fazer-pensar. Assim, na constituição de sua práxis pedagógica, discutiam, refletiam, avaliavam, reviam sua atuação por meio de reuniões pedagógicas, estudos, trocas de experiências, cursos. Deste modo, os profissionais a partir de 1963, não estabeleceram apenas uma adequação do que se trabalhava com crianças e adolescentes para a EDA, mas (re)criaram uma práxis para a educação de adultos trabalhadores do meio rural.

Para garantir a coesão institucional e dar unidade ao Movimento, havia uma preocupação tanto do MEB Nacional de acompanhar e auxiliar as equipes estaduais, quanto do MEB-GO com relação aos monitores e líderes. E, enquanto órgãos coordenadores, em âmbito nacional e local, propiciava-lhes o acesso à fundamentação teórico-prática, oferecendo subsídio às pessoas que atuavam no processo educativo, por meio de textos, indicações bibliográficas, formação continuada permanente, numa linha de pedagogia para a transformação social, o que lhes possibilitaram um avanço sócio-histórico, cultural, político e educacional. Mas esta preocupação com a formação não era apenas institucional, era também pessoal: havia professores da Equipe Central e monitores/líderes (ainda que não fossem todos) que buscavam apropriar-se de leituras outras; eram militantes em outros movimentos; participavam de discussões, encontros, reuniões, etc.; participavam de atividades culturais (vendo e discutindo filmes, assistindo/encenando peças de teatro; entre outras) para além do que o MEB-GO ou Nacional lhes proporcionava, o que contribuía para elevação de sua formação, por meio do acesso a conhecimentos, práticas, vivências, formação política etc. Conseqüentemente isso facilitava a compreensão do referencial teórico advindo do MEB e outros movimentos, mas também era objeto de contradições e conflitos no interior da Equipe.

Na construção do seu fazer-pensar, a partir do método ver, julgar e agir, tanto as professoras da Equipe Central do MEB-GO, quanto os monitores (educadores populares) e líderes da comunidade, desenvolveram o exercício da ação-reflexão-ação enquanto grupo, elaborando um novo processo de relação com a educação, favorecendo-lhes conscientizarem-se, coletivamente, das suas práticas presentes e passadas, rumo a uma nova construção. No processo de reflexão sobre a prática pedagógica partiram da relação estabelecida com o aluno e a comunidade, comparando, analisando, observando, relacionando, generalizando, consultando colegas (inclusive da Coordenação Nacional), educadores de outras instituições/movimentos e estados, livros, textos, dentre outros, para (re)organizarem seu conhecimento sobre a prática e nela atuar

em outro nível; o que não se fez num continuum linear, mas com idas e vindas, avanços, retrocessos, contradições.

Nesse sentido, a perspectiva de formação do homem, contribuindo cada vez mais para seu processo de humanização, na sua totalidade, foi objeto permanente de reflexão, estudo, (re)elaboração e ação do MEB-GO. E para isso foi fundamental o diálogo, com movimentos sociais e de educação popular (como JUC, AP, CPC, MCP, ICP, Sindicalismo Rural), os seus pares (em âmbito local, entre as coordenações estaduais e nacional) ou outros interlocutores. Isso possibilitava a apreensão das contribuições teóricas, a abertura para o diálogo com os sujeitos do processo educativo e a comunidade, enquanto escuta de si e do outro, criando espaço de convivência autêntica, de construção coletiva criadora, e superando a acomodação e a postura de serem espectadores e objetos, o que se assentava, entre outros, na concepção de Pe. Vaz, Landim e Freire. O objetivo era a passagem para a condição de sujeitos neste processo histórico social e de (re)construção de saberes.

O MEB-GO vivenciou a experiência de construção de um material didático, direcionado ao processo de alfabetização de adultos do meio rural, a partir da realidade deles, o *Conjunto Didático Benedito e Jovelina*; assim como o fizera em 1962 o CPC-GO com o *Livro de Leitura para Adultos*. Materiais didáticos que recriaram a proposta freireana e as experiências significativas dos Movimentos, e o MEB contou com a participação dos monitores e alunos desde o processo inicial, quando do levantamento das palavras e textos geradores nas visitas de supervisão e Encontros com a Comunidade, na adequação das imagens e problematização da realidade por meio dos textos, que favoreciam a tomada de consciência da realidade em que se inseriam, a análise crítica da mesma e a organização dos trabalhadores rurais com vistas à luta por melhores condições de vida, ainda que no seio de um contexto histórico-social adverso como o pós-1964.

O MEB e outros movimentos de educação popular da época (MCP, CPC-GO, Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler etc.) demonstraram ser fundamental o envolvimento da sociedade civil, juntamente com o governo – a quem compete garantir o direito de todos à educação, formulando e viabilizando políticas públicas no âmbito educacional – na minimização do grave problema do analfabetismo do país para que o direito à educação se concretizasse.

E nesse processo houve avanços significativos construídos e vivenciados pelos atores dos movimentos sociais naquele período, contudo é importante ressaltar que estes movimentos não deram conta de tudo, inclusive por enfrentarem inúmeros desafios, entre eles o Golpe que se instalou em 1964, ceifando suas possibilidades de existência e ou tendo de se reorganizarem, não sem uma tentativa de resistência, como ocorreu com o MEB-GO até 1966. Mas ao trilhar os caminhos da esperança, cuja força estava nas pequenas coisas, modos de pensar, ser e fazer, que o MEB-GO construiu sua história – MEB que em âmbito nacional continuou com suas atividades até os dias atuais, mas teve de reformular-se – a qual deixou raízes, pois ainda que as instituições passem, a esperança permanece viva.

Referências bibliográficas

- BEZERRA, Aída. As atividades em educação popular. In: *A questão política da educação popular*. 2ª ed. São Paulo, Sp: Brasiliense, 1980.
- CHARDIN, Pierre Teilhard de. *Mundo, homem e Deus*. [Trad. José Luiz Archanjo]. São Paulo, SP: Cultrix, 1978.

- CONGAR, Yves. *Os Leigos na Igreja – escalões para uma teologia do laicato*. São Paulo: Herder, 1966.
- FREIRE, PAULO. Conscientização e alfabetização, uma nova visão do processo. Recife, PE, [1962] (Brochura, 41p.).
- _____. Conscientização e alfabetização, uma nova visão do processo. In: *Revista de Estudos Universitários*. Recife, PE: Universidade do Recife (4), 1963, p. 05-24.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução: Lais Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.
- LANDIM FILHO, Raul. *Educação e conscientização*. [Rio de Janeiro]: MEB, 1963. 5p. (Documentos de Estudo, mimeo.).
- LEBRET, Pe. L. J. *Princípios para a Ação*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1959.
- _____. *Manifesto por uma civilização solidária*. [trad.: CRUZ, Frei Benevenuto de Santa]. 4ª ed. São Paulo, SP: Livraria Duas Cidades, 1963.
- _____. *O drama do século XX: miséria, subdesenvolvimento, inconsciência, esperança*. (trad. Fr. Benevenuto da Santa Cruz e Fátima de Souza). 3ª ed. São Paulo, SP: Livraria Duas Cidades, 1966.
- MARITAIN, Jacques. *Humanismo Integral: uma visão nova da ordem cristã* (trad. Afrânio Coutinho). 4ª ed. São Paulo: Dominius, 1962.
- MEB. *Regulamento*. [Rio de Janeiro]: MEB, 1961a (mimeo.).
- _____. *Educação de Base*. [Rio de Janeiro]: MEB, [1962a]. 7 p. (mimeo.).
- _____. *1º Encontro Nacional de Coordenadores – conclusões/1*. Recife, 05 a 15 dez. 1962c. 26 p.
- MEB-GOIÁS. *MEB-Goiás: Relatório-Documento. Uma Experiência de Educação de Base*. Goiânia, GO: MEB-Goiás, jan. 1967. (mimeo.)
- _____. *Relatório do 1º semestre de 1963*. Goiania, GO, jul./1963. (mimeo.)
- MOUNIER, Emmanuel. *O Personalismo*. São Paulo, SP: Livraria Duas Cidades, 1964.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3- 15.
- VAZ, Henrique de Lima. *Uma reflexão sobre a ação e a ideologia*. Transcrição da exposição oral no Encontro de Fundação da AP. Belo Horizonte, MG, jun. 1962, s.n.t (mimeo.).
- _____. *Encontro de politizadores*. Aracaju, 23-31/julho/1963 (manuscrito).